

O MESSIANISMO DE QUMRAN E O QUARTO EVANGELHO

*Gilvan Leite de Araujo**
*Leonardo Henrique da Silva***

Resumo

Desde que foram descobertos, os Manuscritos do Mar Morto têm lançado luzes sobre as tradições teológicas do Novo Testamento, dentre as quais o Quarto Evangelho, podendo assim ser de grande importância para um melhor entendimento dos escritos joaninos, os quais apresentam algumas peculiaridades que os diferenciam da teologia dos sinóticos. Neste sentido, a literatura de Qumran – a qual apresenta uma teologia messiânica peculiar – é de grande importância para se compreender alguns aspectos da teologia, e principalmente da cristologia do Quarto Evangelho.

Palavras-chave: *Qumran. Essênios. Mestre de Justiça. Messias. Evangelho de João.*

Abstract

Since they were discovered, the Dead Sea Scrolls have shed light on the theological traditions of the New Testament, including the Fourth Gospel, and may therefore be of great importance for a better understanding of the Johannine writings, which have some peculiarities differ from the theology of synoptics. In this sense, the Qumran literature – which presents a peculiar messianic theology – is of great importance to understand some aspects of theology, and especially, the christology of the Fourth Gospel.

Keywords: *Qumran. Essenes. Master of Justice. Messiah. Gospel of John.*

* Pós-Doutorado em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Membro do Programa de estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC-SP. Membro Coordenador do Grupo de Pesquisa LIJO (Literatura Joanina).

** Graduado na Faculdade de Teologia da PUC-SP. Membro do Grupo de Pesquisa LIJO (Literatura Joanina). O presente estudo é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica – CNPq premiada pela PUC-SP como melhor trabalho na área de Teologia no ano de 2015.

Introdução

Não são poucos os especialistas que evidenciam relações literário-teológicas entre os Manuscritos do Mar Morto – que teriam pertencido ao movimento judaico dos essênios – e o Novo Testamento. De modo especial com o Quarto Evangelho, que por sua vez apresenta uma visão demasiado peculiar de Jesus de Nazaré como Messias. Esta pequena exposição pretende vasculhar alguns aspectos do messianismo essênio de Qumran numa relação com a literatura joanina na tentativa de trazer à tona indagações acerca do messianismo de Jesus tal como apresentado pelo Quarto Evangelho e suas possíveis influências dentro da literatura bíblica e extrabíblica.

1. Os essênios e Qumran

A descoberta dos Manuscritos do Mar Morto na região de Khirbet Qumran, entre os anos de 1947 e 1956, é considerada a maior dos tempos modernos no que concerne a manuscritos antigos¹. Lançou luzes à pesquisa bíblica e arqueológica, além de ter favorecido o estudo da historiografia judaica dos dois últimos séculos a.C. e do primeiro século d.C., e também cristã – especificamente do cristianismo primitivo com suas elaborações teológico-literárias que vieram a formar o Novo Testamento².

Os estudos sobre Qumran podem ser divididos em quatro fases:

1. Descobertas e primeiras concepções (1947-1955)
2. Efervescência sobre os Manuscritos (1955-1970)
3. Período de estagnação (1970-1991)
4. Renascimento e primavera de Qumran (1991...)³

A comunidade que vivia em Qumran e que produziu os Manuscritos era eminentemente judaica, e segundo a maioria dos especialistas pertencia ao movimento dos essênios, mencionado por autores clássicos como o historiador Flávio Josefo⁴, o filósofo Fílon de Alexandria, e o pensador romano Plínio, o Velho. Surgiu no final do terceiro século a.C., no contexto da tradição apocalíptica⁵, e no período dos Macabeus, teria rompido com o judaísmo ortodoxo, cuja cabeça era a classe

1. FITZMYER, J. *101 perguntas sobre os Manuscritos do Mar Morto*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 20.

2. POUILLY, J. *Qumrã*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 162.

3. ANDERSON, Paul N. *John and Qumran*, 2011.

4. JOSEFO, F. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013, p. 603.

5. MARTÍNEZ, F. *Os homens de Qumran*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 111.

sacerdotal de Jerusalém, exilando-se às margens do Mar Morto para viver como “resto fiel ao Senhor”⁶.

Alguns Manuscritos fazem menção a uma figura importante entre os essênios de Qumran denominada “Mestre de Justiça”. Pode-se destacar o Documento de Damasco, que, além de mencioná-lo, apresenta também a figura do Messias de Aarão e Israel⁷, o que revela definitivamente que a comunidade de Qumran possuía uma expectativa messiânica. Por mais que já se tenha sugerido a possibilidade de o Mestre de Justiça ser uma figura messiânica, não há nenhum texto que o identifique assim. Enquanto o Messias de Aarão e Israel é apresentado em perspectiva futura como aquele que “há de vir”, no início da comunidade encontrava-se o Mestre de Justiça, que fora suscitado “para guiá-los no caminho de seu coração, e para dar a conhecer às últimas gerações o que ele havia feito à geração futura, a congregação dos traidores”⁸.

O Mestre de Justiça é identificado nos Manuscritos de Qumran como um sacerdote, e presumivelmente de linhagem sadoquita⁹. Esta informação é relevante quando se busca compreender o que teria levado este grupo de essênios a partirem rumo ao deserto. Segundo os especialistas, a motivação do êxodo essênio para Qumran encontrar-se-ia na ascensão de um sumo sacerdote considerado ilegítimo e infiel¹⁰ juntamente com seus seguidores – o que teria manchado o Templo de Jerusalém e seus sacrifícios cultuais – e a alteração do calendário festivo¹¹.

A adoção de um calendário considerado de origem sacerdotal por parte dos essênios em Qumran¹², e a maneira diferente de interpretar as prescrições bíblicas tem sentido na consciência de que o Mestre de Justiça, guia suscitado por Deus, havia recebido por revelação divina a correta interpretação do texto bíblico que é encarado como “mistério” a ser revelado¹³. Neste sentido se pode compreender que a temática a respeito da Lei tem singular relevância quando se analisa os textos de Qumran. A comunidade se vê – diante da infidelidade dos demais judeus –

6. Cf. CD-A – Col. I, 3-5.

7. Cf. CD-A – Col. II, 11-13; Col. XIV, 18-20.

8. CD-A – Col. II, 11-13.

9. FITZMYER, J. *101 Perguntas sobre os Manuscritos do Mar Morto*. 1997, p. 74.

10. É conhecido através dos Manuscritos pelo nome de “Sacerdote Ímpio”, e que, segundo grande parte dos especialistas, teria sido Jônatas Macabeu (cf. POUILLY, J. *Qumrã*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 46). Tal fator teria rompido com a linhagem sadoquita.

11. MARTÍNEZ, F. *Os homens de Qumran*, 1996, p. 119.

12. FITZMYER. *101 perguntas sobre os Manuscritos do Mar Morto*, 1997, p. 100.

13. MARTÍNEZ. *Os homens de Qumran*, 1996, p. 120.

como verdadeiramente fiel à Aliança¹⁴, inclusive compondo uma obra de nítido caráter sacerdotal denominada “Rolo do Templo” que não só pretende ser uma segunda Torá, como apresenta prescrições sobre o Templo, normas de pureza, prescrições sobre as festas, sacrifícios e sobre o calendário.

Como se pôde perceber a partir destas considerações, a dimensão sacerdotal tem singular relevância, tanto naquilo que motivou o exílio da comunidade no deserto quanto para compreender seu pensamento teológico. Segundo Fitzmyer, a comunidade qumrânica teria se originado de um núcleo de sacerdotes de linha sadoquita – entre os quais o Mestre de Justiça. Descendiam dos sacerdotes que serviam anteriormente no Templo¹⁵. Ao romperem com o sacerdócio ilegítimo que entrou em vigor, passaram a desaprovar o culto no Santuário de Jerusalém – agora considerado impuro. Para se compreender o pensamento messiânico dos essênios de Qumran é preciso ter claro o apelo sacerdotal da teologia qumrânica, principalmente no que concerne a este “afastamento” do Templo¹⁶ e à expectativa futura suscitada pelo Rolo do Templo de um Santuário restaurado.

2. A compreensão messiânica dos essênios

A partir dessas considerações acima apresentadas pode-se buscar a compreensão que os essênios de Qumran tinham acerca da figura messiânica. É possível afirmar que os judeus em Qumran possuíam uma expectativa messiânica. Isso se deve ao fato de vários textos encontrados entre os Manuscritos do Mar Morto fazerem menção a esta expectativa.

Além do Documento de Damasco, tem-se outro texto a partir do qual se pode conferir esta esperança messiânica. Trata-se da Regra da Comunidade (1QS IX, 10-11), quando esta se refere às normas nas quais estão sujeitos seus membros. Diz o texto: *“Não se apartarão de nenhum conselho da lei para caminhar em toda obstinação de seu coração, mas serão governados pelas ordens primeiras nas quais os homens da comunidade começarão a ser instruídos, até que venha o profeta e os messias de Aarão e Israel”*¹⁷.

Sobre esta figura enigmática – a do Messias/Ungido do Senhor – é preciso salientar o caráter singular dos escritos de Qumran face aos textos do Antigo Testamento e dos demais textos judaicos. Como afirma Martínez, em nenhuma das 39 vezes em que na Bíblia hebraica utiliza-se a palavra “Messias”, esta tem o sentido técnico exato de uma figura escatológica cuja vinda dará início à era de

14. Cf. 1QS – Col. V, 1-3.

15. FITZMYER. *101 perguntas sobre os Manuscritos do Mar Morto*, 1997, p. 105.

16. 1QS – Col. VIII, 13.

17. 1QS – Col. IX, 10-11, 1995.

salvação¹⁸. No Antigo Testamento o termo hebraico “*mashiah*” designa figuras do presente (geralmente reis, sacerdotes e profetas), enquanto que em Qumran ela é apresentada frequentemente numa perspectiva futura e, portanto, escatológica.

Segundo a citação acima, a esperança essênica estava relacionada com três figuras: um profeta e dois messias: o de Aarão e o de Israel. Quanto ao profeta, pode-se falar de uma esperança extraída do livro do Deuteronômio, segundo o qual, o Senhor prometeu a vinda de um profeta como Moisés¹⁹. Já no que concerne às duas figuras de caráter messiânico propriamente dito, é intrigante que para os judeus de Qumran se esperasse não um, mas dois messias: um Ungido Sacerdotal (Messias de Aarão) e um Ungido davídico de cunho real (Messias de Israel). Em outras palavras, tem-se aqui duas figuras que correspondem ao Messias sacerdotal e ao Messias-Rei da linhagem de Davi²⁰.

No que concerne ao Messias de Israel, é preciso salientar que a esperança judaica de um “ungido” descendente de Davi é algo presente em diversos períodos da história de Israel e em diversas tradições teológicas, e assim encontrada abundantemente em textos veterotestamentários²¹. Não seria incorreto afirmar que a dimensão real é aquela que se sobressai na grande maioria das compreensões messiânicas entre os judeus. Neste sentido, entre os essênios também existia a expectativa de um messias real e político, pois seus textos são bastante claros quanto à vinda de um messias real da dinastia davídica que governaria segundo a instrução do Senhor, pois haveria de guiá-los num caminho de justiça²².

A segunda figura messiânica – o Messias de Aarão – parece ser aquela que possui maior relevância para a teologia messiânica de Qumran. Como visto acima, o aspecto “sacerdotal” é basilar na história dessa comunidade essênica, sendo catalisador no que concerne ao motivo de seu rompimento com o Santuário de Jerusalém, seu êxodo para o deserto, e de sua esperança de um Templo restaurado²³.

É na literatura essênica, portanto, que o messianismo sacerdotal adquire maior evidência. Mas não somente isso, pois nos escritos qumrânicos o Ungido sacerdotal adquire proeminência frente ao Ungido real, chegando – em alguns escritos – a englobar ambas as dimensões. Como afirma Starcky, referindo-se a um fragmento do Testamento de Levi (4Q541 frag. 9 col. I), “*para*

18. MARTÍNEZ, *Os homens de Qumran*, 1996, p. 200.

19. Cf. Dt 18,18.

20. MARTÍNEZ. *Os homens de Qumran*, 1996, p. 223.

21. Cf. Jr 23,5; Nm 24,17; Sl 2,6-7.

22. Cf. 4Q252 – Col. V, 1-7, 1995.

23. Cf. 11QTemple XXIX, 2-10, 1995.

nosso autor como para aquele da Regra da Comunidade, o messias de Aarão será o messias principal"²⁴.

Logo, pode-se concluir que, na compreensão que a comunidade essênica de Qumran tinha da figura messiânica, ganha destaque seu caráter sacerdotal. O Messias é aquele que virá trazendo as palavras de Deus, fará sua vontade, trará luz àqueles que se encontram nas trevas. Será rejeitado por alguns, mas será instrumento catalisador na construção de um novo Templo para lá ofertar sacrifícios a Deus em expiação pelos pecados do povo.

3. Qumran e os essênios

Bergsma, no seu artigo "Qumran Self-Identity: Israel or Judah?" busca uma compreensão sobre a identidade dos essênios. Na sua pesquisa o autor evidencia que os essênios se apresentam geralmente como "israelitas" e não como "judeus" ou "judaítas"²⁵. Segundo o autor, a designação "Israel" é habitualmente usada em três casos na Bíblia Hebraica: a) Patriarca Jacó; b) a nação composta pelas 12 tribos de Israel, incluindo Judá; e c) Reino do Norte após a divisão das tribos, neste caso exclui-se Judá²⁶. Por outro lado, a expressão Judá é aplicada também em três casos: a) Patriarca (cf. Gn 29,35); b) A tribo composta pelos seus descendentes (cf. Nm 1,7); e c) O Reino do Sul, onde se encontra a Casa de Davi (cf. 1Rs 15,1)²⁷. O autor conclui a sua pesquisa que os essênios se concebiam como a futura Doze Tribos de Israel reunificada. Assim, a predileção pelo uso "Israel" ou "Filhos de Israel" nos documentos de Qumran evidenciariam esta perspectiva, de uma Israel futura²⁸.

Partindo deste pressuposto se pode indagar qual seria a relação entre essênios e samaritanos. Bowman salienta que o que se conhece por "samaritanos" na realidade é um conjunto de partidos e/ou seitas derivados desta raiz. Na sua pesquisa o autor sublinha que não existe nenhuma relação entre samaritanos e essênios, e que qualquer contato seria indireto²⁹.

24. STARCKY, J. *Les Quatre Étapes du Messianisme a Qumran* (traduzido para o português por Pe. Paulo Mercieca e Pe. Gilvan Leite). Paris: Revue Biblique 70, 1963, p. 70.

25. Bergsma, J.S. Qumran Self-Identity: "Israel" or "Judah"? In: *Dead Sea Discoveries* 15 (2008) 172.

26. Bergsma, J.S. Qumran Self-Identity: "Israel" or "Judah"?, p. 173.

27. Bergsma, J.S. Qumran Self-Identity: "Israel" or "Judah"?, p. 174.

28. Cf. Bergsma, J.S. Qumran Self-Identity: "Israel" or "Judah"?, p. 188-189.

29. BOWMAN, John. Contact Between Samaritan Sects and Qumran? In: *Vetus Testamentum* 7 (1957), 188-189.

4. Relação entre Essênios e a Comunidade de João

Após as descobertas de Qumran foi possível repensar o movimento de Jesus à luz do judaísmo de sua época; evidenciar as semelhanças e diferenças e discrepâncias entre os escritos de Qumran e os escritos do cristianismo primitivo. Ampliando o conhecimento a partir de novas traduções dos manuscritos de Qumran também aumentou o interesse por novas análises do Novo Testamento, particularmente da Literatura Joanina. Após sessenta anos da descoberta evidencia-se o aumento da pesquisa entre a relação Qumran e Literatura Joanina, com novas sugestões e críticas que se abrem para o futuro da pesquisa. Na realidade, as descobertas de Qumran levaram a um maior interesse pela Literatura Joanina. Por outro lado, se tem dado maior atenção sobre a relação entre os essênios e os samaritanos, na qual se destaca que, aquilo que se pode chamar de samaritanos, se trata de um amálgama de movimentos/seitas dentro do próprio samaritanismo³⁰. Neste sentido, Qumran e a “tradição” samaritana estão se tornando dois nichos de pesquisa, nos quais a origem da comunidade Joanina e seu legado podem ser estudados.

Anderson salienta que após as descobertas inúmeras teorias sedimentadas sobre o Quarto Evangelho começaram a cair, das quais algumas podem ser evidenciadas:

1. Vários estudiosos estão apresentando a distinção entre o monismo judaico e o dualismo helênico, do qual o Quarto Evangelho possuía influência grega e não judaica.
2. A cristologia joanina como fruto do mito-gnosticismo, como defendido por Bultmann.
3. O aspecto religioso joanino derivava de ambiente não judaico.
4. Tendência de ligar o *Logos* joanino com Fílon e, conseqüentemente, com as especulações da filosofia grega.
5. Conceber o messianismo como uma construção monolítica, ao invés de variada³¹.

30. SCHATTNER-RIESER, Ursula. Garizim *versus* Ebal. Ein Neues Qumranfragment Samaritanischer Tradition? In: *Early Christianity 1* (2010), 277-281. • SEEBASS, Horst. Garizim und Ebal als Symbole von Segen und Fluch. In: *Biblica* 63 (1982), 22-31. • BOWMAN, John. Contact between Samaritan Sects and Qumran? In: *Vetus Testamentum* 7 (1957), 184-189.

31. ANDERSON, Paul N. John and Qumran: Discovery and Interpretation over sixty years. In: Coloe ML; Thatcher T. John. *Qumran, and the Dead Sea Scrolls: sixty years of discovery and debate*. Society of Biblical Literature: Atlanta 2011.

A partir das descobertas de Qumran, os Manuscritos do Mar Morto começaram a iluminar as pesquisas sobre João, como se pode evidenciar abaixo:

1. Obras como a Regra da Comunidade e a Regra da Guerra e outros escritos, onde aparece o tema luz/trevas serviram perfeitamente de base para situar o Quarto Evangelho dentro do judaísmo do I séc. d.C.
2. Antes de ver o movimento de Jesus no Quarto Evangelho como gnóstico, os estudiosos começaram a perceber a relação com a tradição mosaica e profética em conformidade com textos como Dt 18,15-22.
3. A função social da religião ganhou novas luzes a partir dos movimentos sectários.
4. O *Logos* joanino ganhou concepção judaica, implicando conexões com Gn 1 e Pr 8, ao invés de relacionar com especulações gnósticas.
5. Aumento de testemunhos da rica diversidade das expectativas messiânicas, judaicas e cristãs³².

Diante das questões acima expostas pode-se indagar:

1. Jesus seria o retorno do Mestre de justiça de Qumran?
2. O Quarto Evangelho teria sido escrito pelo próprio Jesus, enquanto vivia em Qumran, como afirma Barbara Thiering?
3. O batismo praticado por João e por Jesus era uma prática trazida de Qumran e exaltado no Quarto Evangelho?
4. O autor do Quarto Evangelho era um essênio de Qumran?
5. A comunidade de Qumran teria influenciado diretamente na elaboração do Quarto Evangelho?³³

Teepie, baseando-se em Albright, afirma que os Manuscritos de Qumran fornecem a base para o Quarto Evangelho e para as Epístolas Paulinas³⁴. O autor continua sua análise dizendo que muitos autores atuais evidenciam que o Quarto Evangelho pode não ter sido o último Evangelho a ser escrito, ou seja, a sua origem poderia remontar a Jerusalém antes da destruição do Templo, sem negar que tenha existido um processo histórico até a sua composição final. Isto se baseia na preservação do material histórico autêntico proveniente do aramaico e do hebraico com sólida base essênica³⁵. Contudo, Teepie contesta existir estrita relação entre os manuscritos de Qumran e o Quarto Evangelho baseando-se no fato que pos-

32. ANDERSON, Paul N. *John and Qumran: Discovery and Interpretation over sixty years*, 2011.

33. ANDERSON, Paul N. *John and Qumran: Discovery and Interpretation over sixty years*, 2011.

34. TEEPLE, Howard M. Qumran and the Origin of the Fourth Gospel. In: *Novum Testamentum* 4 (1960), p. 6.

35. TEEPLE, Howard M. *Qumran and the Origin of the Fourth Gospel*, p. 7.

sam existir semelhanças, pois, também, existem diferenças inconciliáveis entre os dois³⁶. Brown apresenta o tema da verdade, do amor, da fonte da água viva, das festas, da purificação e do messianismo com pontos de contato entre os escritos de Qumran e o Quarto Evangelho como evidências da presença dos escritos do Mar Morto na composição do Evangelho de João³⁷. Brown também rejeita a origem essênica do Quarto Evangelho ao afirmar que existe um “abismo” entre estas duas tradições³⁸. Os essênios não eram cristãos, neste sentido; os contatos entre Qumran e o cristianismo primitivo talvez sejam provenientes do ambiente da Palestina do primeiro século da era cristã³⁹. Contudo, prossegue Brown, se João Batista teve contato com os essênios, talvez este possa ser um elo entre Qumran e o Quarto Evangelho⁴⁰. Para estabelecer possível contato, Brown destaca a figura de Apolo descrita em At 18,24-28, que é apresentado como discípulo de João Batista e proveniente de Alexandria do Egito⁴¹. Segundo meu parecer, a figura de Apolo é o elo que possa vincular uma possível presença joanina em Éfeso; caso contrário, não há outra possibilidade de estabelecer vínculo entre a comunidade joanina e Éfeso, por não existir nenhum testemunho histórico de tal presença nesta cidade que possuía uma comunidade tipicamente paulina. Na sua obra publicada pós-morte por Moloney, Brown sublinha que o contato mais significativo entre Qumran e o Quarto Evangelho é o dualismo e, como exemplo, ele cita a luta entre o príncipe da luz e o príncipe das trevas nos Manuscritos de Qumran e a figura de Jesus Cristo como luz que vence as trevas (cf. Jo 1,4-5.9) e o dever de escolha entre luz ou trevas (cf. Jo 3,19-21). Além disso, Brown apresenta Jesus como a verdade (cf. Jo 14,6) e, após a sua morte, a luta para vencer a força do maligno é conduzida pelo Espírito da Verdade (cf. 4,17.26)⁴². O ideal do amor é outro tema que relaciona Qumran e João, que, distinto dos Sinóticos, evidencia o amor entre os membros da comunidade, ou seja, o primeiro testemunho de amor é entre os membros da comunidade; caso contrário, o amor pelos outros não é verdadei-

36. TEEPLE, Howard M. *Qumran and the Origin of the Fourth Gospel*, p. 24-25.

37. BROWN, Raymond E. The Qumran Scrolls and the Johannine Gospel and Epistles. II. Other Similarities. In: *The Catholic Biblical Quarterly* 17 (1955), 559-574.

38. BROWN, Raymond E. *The Qumran Scrolls and the Johannine Gospel and Epistles*. II. Other Similarities, p. 571.

39. BROWN, Raymond E. *The Qumran Scrolls and the Johannine Gospel and Epistles*. II. Other Similarities, p. 571.

40. BROWN, Raymond E. *The Qumran Scrolls and the Johannine Gospel and Epistles*. II. Other Similarities, p. 573.

41. BROWN, Raymond E. *The Qumran Scrolls and the Johannine Gospel and Epistles*. II. Other Similarities, p. 573.

42. BROWN, Raymond E. *Introduzione al Vangelo di Giovanni*. Editado por Francis J. Moloney. Bréscia: Queriniana: 2007, p. 157.

ro⁴³. Brown finaliza a análise do paralelo entre Qumran e o Quarto Evangelho afirmando que algumas características do pensamento e do vocabulário joanino e de Qumran possuem um contato muito próximo, distinto dos demais escritos neotestamentários. Contudo, Brown continua com a sua concepção de que não é possível afirmar uma dependência do Quarto Evangelho com os Escritos de Qumran, no máximo se possa falar de certa familiaridade⁴⁴.

Sobre a relação entre João Batista e Qumran, Hutchison, desenvolve uma pesquisa nesta linha apresentando semelhanças e diferenças entre os dois e contrapondo autores que afirmam ou negam tal contato⁴⁵. O autor conclui que existem, de fato, fortes contatos entre João Batista e os essênios de Qumran, mas que por outro lado existem evidentes contrastes: a) a teoria que João Batista tenha entrado para a comunidade essênia desde criança, baseada em Lc 1,80, não serve de prova para tal vínculo; b) o fato que João Batista se encontre no deserto, “separado” do judaísmo oficial, esbarra nos diversos movimentos messiânicos de época; c) a pregação messiânica de João Batista é de rompimento e vinculação à pessoa de Jesus Cristo e não à Lei, como anunciavam os essênios; e d) o batismo pregado por João é ato único, diferente das repetidas abluções praticadas pelos essênios. Partindo destas observações não é possível estabelecer nenhum vínculo entre João Batista e os essênios de Qumran⁴⁶.

Mburu, na sua obra *Qumran and the Origins of Johannine Language and Symbolism*, desenvolve o tema da “verdade” como um elemento forte no contato entre Qumran e o Quarto Evangelho⁴⁷. De modo particular, Mburu trabalha a questão linguística tendo como base a Regra da Comunidade (4QRegra da Comunidade). Após evidenciar o tema da verdade em Qumran e no Quarto Evangelho, no qual trabalha Jesus e o Espírito Santo e sua relação com o tema e qual seria o contato entre a obra e os Manuscritos de Qumran, a autora apresenta dois excelentes quadros comparativos entre as obras, seguidos de comentário⁴⁸. Segundo Mburu, o Quarto Evangelho e as Regras da Comunidade utilizam a expressão “verdade” com o significado de “realidade”. Contudo, a aplicação entre as obras é distinta a partir da concepção teológica de cada uma

43. BROWN, Raymond E., 2007, p. 158.

44. BROWN, Raymond E., 2010, p. 159.

45. HUTCHISON, John C. Was John the Baptists an Essene from Qumran? In: *Bibliotheca Sacra* 159 (2002), p. 187.

46. HUTCHISON, John C. *Was John the Baptists an Essene from Qumran?*, p. 198-200.

47. Cf. MBURU, Elizabeth W. *Qumran and the Origins of Johannine Language and Symbolism*. Nova York: T&T Clark, 2010.

48. MBURU, 2010, p. 164ss.

das obras⁴⁹. Além do mais, em cada uma das obras, “verdade” está, também, em relação à revelação divina e ao processo de santificação, que no Quarto Evangelho vincula à pessoa de Jesus Cristo e ao Espírito Santo e a Regra da Comunidade à observância da Lei, em ambas se pressupõe adesão e conversão⁵⁰.

Conclusão

Todas estas características evidenciam o aumento do interesse na relação entre João e Qumran e o seu desenvolvimento no decorrer destes últimos sessenta anos. Barret (1978) afirma que as descobertas de Qumran não haviam influenciado significativamente os estudos do Quarto Evangelho, mas é contestado por Charlesworth, que afirma o contrário. Brown, por outro lado, destaca que Qumran levou o Quarto Evangelho a um desenvolvimento. Contudo, enfatiza que os contatos não são o bastante para implicar numa dependência literária. Igualmente Schnackenburg observa semelhanças significantes entre Qumran e o Quarto Evangelho e também afirma que não existem elementos para dependência literária. Lindars apresenta uma longa lista de contatos entre João e Qumran, mas observa que tais contatos são mais paralelos com o judaísmo da época de Jesus. O debate sobre a origem do Quarto Evangelho está longe de acabar e a discussão sobre possível contato com Qumran ou com a Samaria serve de inspiração para os pesquisadores mais aventureiros, que buscam uma melhor compreensão dos Manuscritos do Mar Morto, das tradições samaritanas e da Literatura Joanina.

Gilvan Leite de Araujo
Leonardo Henrique da Silva

Referências bibliográficas

ANDERSON, Paul N. John and Qumran: Discovery and Interpretation over sixty years. In: COLOE, M.L.; THATCHER, T. John. *Qumran, and the Dead Sea Scrolls: sixty years of discovery and debate*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2011.

BERGSMA, J.S. Qumran Self-Identity: “Israel” or “Judah”? In: *Dead Sea Discoveries* 15, 2008, p. 172-189.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus 2002.

BOWMAN, John. Contact between Samaritan Sects and Qumran? In: *Vetus Testamentum* 7, 1957, p. 184-189.

49. MBURU, 2010, 184.

50. MBURU, 2010, p. 185.

BROWN, Raymond E. The Qumran Scrolls and the Johannine Gospel and Epistles. II. Other Similarities. In: *The Catholic Biblical Quarterly* 17, 1955, p. 559-574.

BROWN, Raymond E. *Introduzione al Vangelo di Giovanni*. Editado por Francis J. Moloney. Bréscia: Queriniana, 2007.

FITZMYER, J. *101 perguntas sobre os Manuscritos do Mar Morto*. São Paulo: Loyola, 1997.

HUTCHISON, John C. Was John the Baptist an Essene from Qumran? In: *Bibliotheca Sacra* 159, 2002, p. 187.

JOSEFO, F. *História dos hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

MARTÍNEZ, F. *Textos de Qumran*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MARTÍNEZ, F. & BARRERA, J. *Os homens de Qumran: literatura, estrutura e concepções religiosas*. Petrópolis: Vozes 1996.

MBURU, Elizabeth W. *Qumran and the Origins of Johannine Language and Symbolism*. Nova York: T&T Clark, 2010.

POUILLY, J. *Qumrã – Textos escolhidos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

SCHATTNER-RIESER, Ursula. Garizim versus Ebal. Ein Neues Qumranfragment Samaritanischer Tradition? In: *Early Christianity* 1, 2010, p. 277-281.

SEEBASS, Horst. Garizim und Ebal als Symbole von Segen und Fluch. In: *Biblica* 63, 1982, p. 22-31.

STARCKY, J. Les Quatre Étapes du Messianisme a Qumran. Paris. In: *Revue Biblique* 70, 1963, p. 481-505.

TEEPLE, Howard M. Qumran and the Origin of the Fourth Gospel. In: *Novum Testamentum* 4 (1960) 6-25.